

Camadas de autoconstrução na moradia popular latino-americana: o conjunto se transforma com a chegada da favela

Pedro V. Carvalho, Karina Oliveira Leitão e Caio Santo Amore

Pedro V. CARVALHO

Universidade de São Paulo (USP); Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP); Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU FAUUSP). pedrocarvale@usp.br

Karina Oliveira LEITÃO

Universidade de São Paulo (USP); Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP); Departamento de Projeto (AUP). koleitao@usp.br

Caio SANTO AMORE

Universidade de São Paulo (USP); Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP); Departamento de Tecnologia (AUT). santoamore@usp.br

CARVALHO, Pedro V.; LEITÃO, Karina Oliveira; SANTO AMORE, Caio. Camadas de autoconstrução na moradia popular latino-americana: o conjunto se transforma com a chegada da favela. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 19, e 540, abr. 2025

data de submissão: 27/09/2024
data de aceite: 16/04/2025

editores responsáveis:
James Miayamoto e Isis Pitanga

DOI: 10.51924/revthesis.2025.v10.540

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Visualização; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: CARVALHO, P. V. Concepção; Curadoria de dados; Análise; Metodologia; Supervisão; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: LEITÃO, K. O. Concepção; Análise; Supervisão; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: SANTO AMORE, C.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Bolsa Doutorado

Aprovação de ética: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Uso de I.A.: Os autores certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: James Miayamoto e Isis Pitanga

Resumo

Os conjuntos habitacionais têm sido recorrentemente adotados como forma de responder a uma ampla gama de necessidades habitacionais nas cidades latino-americanas. O procedimento de coleccionar e analisar as imagens mobilizadas objetiva, então, desvelar um processo de mitificação desses conjuntos como formas totais, fantasiosamente capazes de atender às demandas habitacionais com estabilidade. O mito não se sustenta nem em sua origem, nos países centrais do capitalismo, nem em sua periferia, onde são produzidos com parâmetros rebaixados. A profusão de camadas autoconstruídas — os puxadinhos — que tendem a ser produzidas nesses complexos seria um sinal dessa insuficiência? Quando a favelização os expande, transformando a arquitetura desses conjuntos, estaríamos assistindo a uma espécie de generalização da autoconstrução, decorrente de um processo adaptativo diante de tantos anseios relacionados ao habitar? Uma expressiva quantidade de ampliações autoconstruídas, observadas na produção pública de conjuntos habitacionais — abordada neste artigo por meio de um mosaico de casos urbanos em cidades latino-americanas —, busca indagar sobre o papel exercido pela autoconstrução na atualização da forma e da vida nos referidos conjuntos.

Palavras-chave: conjunto habitacional; autoconstrução; qualidade da habitação; puxadinho; América Latina; habitação popular

Abstract

Housing complexes have been recurrently adopted as a means of addressing a wide range of housing needs in Latin American cities. The procedure of collecting and analyzing the mobilized images aims to unveil a process of mythification of these complexes as total forms, fancifully conceived as capable of meeting housing demands with stability. This myth, however, does not hold—neither in its origin in the core countries of capitalism nor in its reproduction on the periphery, where such complexes are built according to downgraded standards. Could the proliferation of self-built layers — commonly referred to as "puxadinhos"—which tend to emerge within these developments, be seen as a sign of this insufficiency? When favelization expands these complexes, transforming their architectural configuration, might we be witnessing a kind of generalization of self-construction, arising from an adaptive process in response to the many aspirations surrounding the experience of dwelling? The significant presence of self-built extensions, observed in the public production of housing complexes and examined in this article through a mosaic of urban case studies in Latin American cities, seeks to question the role played by self-construction in the ongoing transformation of both the form and the lived experience within these developments.

Keywords: housing complex; self-construction; housing quality; housing extensions; Latin America; popular housing

Resumen

Los conjuntos habitacionales han sido recurrentemente adoptados como una forma de responder a una amplia gama de necesidades habitacionales en las ciudades latinoamericanas. El procedimiento de recopilar y analizar las imágenes movilizadas tiene como objetivo revelar un proceso de mitificación de estos conjuntos como formas totales, fantasiosamente concebidas como capaces de atender de manera estable las demandas habitacionales. Sin embargo, este mito no se sostiene ni en su origen, en los países centrales del capitalismo, ni en su periferia, donde estos conjuntos se producen con parámetros degradados. ¿Podría la proliferación de capas autoconstruídas — los llamados "puxadinhos"— que tienden a surgir en estos complejos, ser un indicio de dicha insuficiencia? Cuando la favelización los expande, transformando la arquitectu-

ra de estos conjuntos, ¿estaríamos presenciando una especie de generalización de la autoconstrucción, que surge como un proceso adaptativo ante los múltiples anhelos en torno al habitar? La presencia significativa de ampliaciones autoconstruidas, observada en la producción pública de conjuntos habitacionales —analizada en este artículo a través de un mosaico de casos urbanos en ciudades latinoamericanas— busca problematizar el papel que desempeña la autoconstrucción en la actualización de la forma y de la vida en dichos conjuntos.

Palabras-clave: conjunto de viviendas; autoconstrucción; calidad de la vivienda; ampliaciones de viviendas; América Latina; vivienda popular

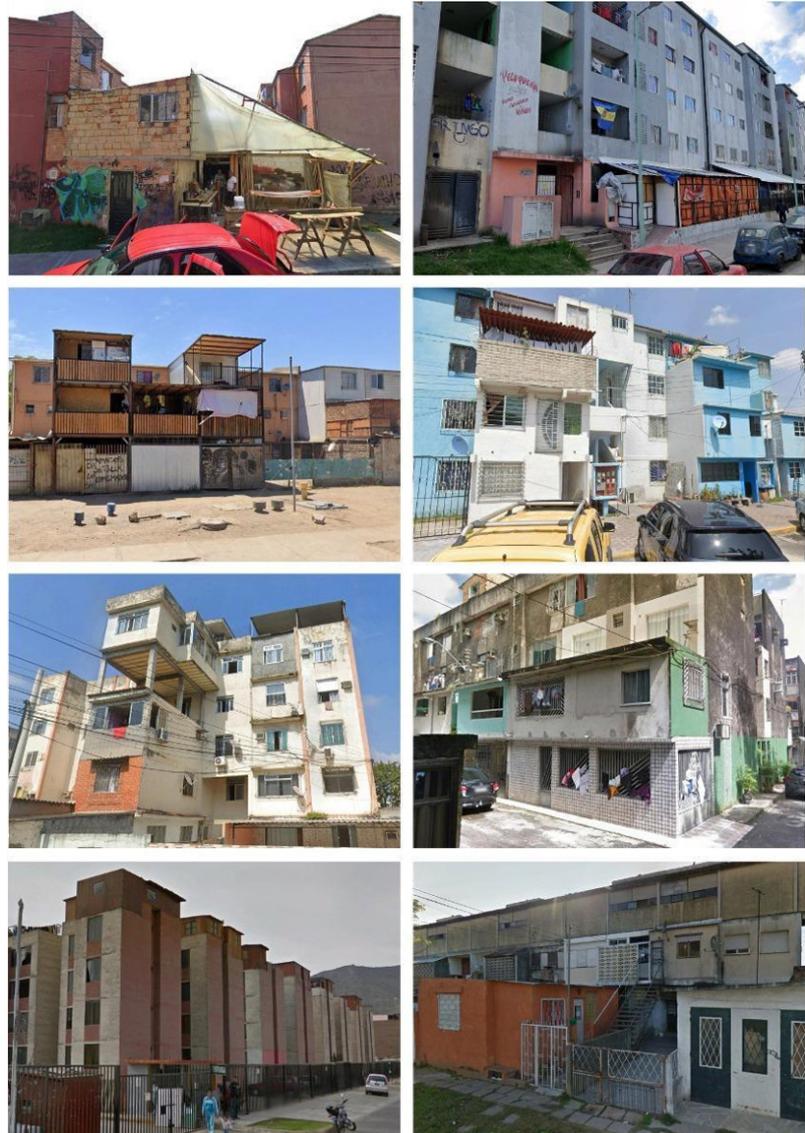
1. Forma-conjunto: solução total?

Conjunto de Viviendas Cerros de Oriente, Bogotá - Colômbia, Conjunto Padre Mugica, Buenos Aires - Argentina, Conjunto Maule I e II, Santiago - Chile, Unidad de Vivienda Artículo 4to, Cidade do México - México, Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) Padre Miguel, Rio de Janeiro - Brasil, Conjunto de Viviendas Império Amazônico, Belém, Pará - Brasil, Residencial Campoy, Lima - Peru, Barrio Malvín Norte, Montevideu - Uruguai¹, parecem compor um universo de arquiteturas singulares, que no final constituem um todo homogêneo (Oseki, 1996) na paisagem urbana das cidades latinas - paisagem que parece se generalizar e que intencionamos apresentar no mosaico da Figura 01.

¹ Os conjuntos mencionados referem-se à sequência apresentada no mosaico de abertura deste item, leia as imagens por linha de foto, da esquerda para a direita, de cima para baixo.

Este conjunto de imagens, que anuncia a presença difusa da autoconstrução em conjuntos habitacionais e que, intencionalmente, introduz este artigo, não apenas reafirma o objetivo central da presente reflexão — tensionar a mitificação dos conjuntos habitacionais enquanto soluções totalizantes —, mas também evidencia o valor analítico das imagens captadas ao nível do solo na investigação dos territórios populares. Nesse processo, destaca-se a aproximação entre formas distintas de provisão habitacional, como a autoconstrução e a produção pública de moradia. Busca-se, assim, evidenciar essa camada construída de adaptação e expansão das unidades habitacionais como uma realidade concreta, presente não apenas em conjuntos periféricos e afastados, mas também em contextos diversos de implantação e materialidade. Características capazes de relevar recorrências formais e padrões de apropriação, apesar das particularidades locais.

Segundo Heidegger (1951), construir, habitar e o verbo “ser” têm a mesma origem etimológica. Em sua essência, construir é também permitir-se ser habitado e,



² Enquanto construção de sentido, que parte do visual e do textual, para a elaboração dos discursos e da hipótese apresentada.

³ Note-se que uso e troca aparecem aqui juntos na análise, à luz da teoria marxiana do valor, em que a dialética entre ambos os torna inexoravelmente inseparáveis sob a égide desse modo de produção (Cf. MARX, Karl. O Capital, Crítica da Economia Política, Volumes I, II, III, IV. São Paulo, Nova Cultural, 1985). É importante dizer, entretanto, que a teoria do valor, embora relevante, não esgota as motivações das extensões observadas nos conjuntos, de modo que não deixamos de mencionar aqui um campo de desejos intangíveis, que somente uma pesquisa de campo detalhada e minuciosa poderia revelar.

⁴ A pesquisa de doutorado acima mencionada mapeou mais de 50 conjuntos habitacionais em 20 cidades do subcontinente (8 latino-americanas e 12 brasileiras) onde estão ocorrendo ampliações autoconstruídas.

Figura 1

Mosaico de Conjuntos Habitacionais latino-americanos (Bogotá - Colômbia, Buenos Aires - Argentina, Santiago - Chile, Cidade do México - México, Rio de Janeiro e Belém - Brasil, Lima - Peru e Montevideu - Uruguai). Fonte: Google Street View adaptado pelo autor (2024)

portanto, permitir que os espaços sejam construídos. Tomamos essa citação para iniciar este ensaio icono-verbal² para investigar os significados e o papel das estruturas autoconstruídas para satisfazer as necessidades (de uso, de mudança e outras necessidades não classificáveis³) em conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado na América Latina. Nesse sentido, o mosaico de imagens que abre este texto é uma pequena amostra de uma investigação⁴ ainda em processo sobre esse universo autoconstruído recorrente na paisagem urbana do subcontinente latino-americano, e que, neste texto, é apresentado a partir da noção

de camada, para aludir à sobreposição de ampliações produzidas em regime autoconstruído, não regulado pelo Estado, sobre provisão realizada pelo poder público, na modalidade de conjunto habitacional.

Do México ao Chile, é possível encontrar várias ampliações construtivas não regulamentadas em edifícios produzidos por políticas públicas estatais na América Latina. Essas ampliações, construídas sem levar em conta as leis e regularidades conforme visão legal formalista, parecem se prestar a um aprofundamento das condições de habitabilidade desses complexos, obviamente não sem contradições, ou mesmo limites. Sem ingenuidade, a alta frequência do fenômeno parece indicar que a forma do conjunto habitacional como moradia pública e social na América Latina não satisfaz os mais diversos anseios dos moradores. Isso se deve ao fato de que esses blocos habitacionais são muitas vezes produzidos em condições excessivamente insuficientes, rebaixadas, apesar de não raro serem proclamados como soluções totais.

Os anexos vistos nas imagens mobilizadas em conjunto acomodam mudanças nos arranjos familiares, mas também estendem esses edifícios para funções comerciais, oficinas, em complexos tradicionalmente entregues aos moradores sob a perversidade da monofuncionalidade habitacional (Carrasco, 2015), em que apenas o fenômeno da favelização parece dar conta de “salvar”⁵ ou garantir (Santo Amore, 2020) uma urbanidade local, promovendo novos usos nesses conjuntos, construindo cidade mista no entorno. Também são comuns as ampliações para aluguel e venda, em mercados informais bastante aquecidos em áreas populares da América Latina, que nada deixam a desejar ao dinamismo do chamado mercado formal (Abramo, 2011). Nesses contextos, as unidades ampliadas são negociadas para venda ou aluguel a preços mais altos em comparação com as unidades originais dos complexos. E em sociedades onde o trabalho formal nunca foi predominante, onde os direitos trabalhistas e previdenciários são pouco garantidos, a possibilidade de auferir renda com o aluguel ou a venda de cômodos anexos aos conjuntos, a exemplo do que ocorre com as lajes nas favelas, parece proporcionar a renda que a ausência de trabalho deixa para trás. São muitas as condições que explicam a autoconstrução, inclusive aquela presente na expansão dos conjuntos habitacionais.

2. O digital como meio

O grupo de conjuntos habitacionais evidenciado neste artigo apresenta uma produção habitacional pública

⁵ Vale a pena mencionar que, neste ensaio, usamos os termos brasileiros favela e favelização para nos referirmos à maneira como as camadas sociais populares se estabelecem por meio da autoconstrução, pois entendemos o poder desse recurso narrativo para se referir a assentamentos populares que têm nomes diferentes na América Latina. No Brasil, a palavra favela tem sido usada recorrentemente como um conceito abrangente, e nos pareceu pertinente usar um termo em português, já bem reconhecido internacionalmente, para falar sobre os diferentes tipos de assentamentos latinos, mesmo evitando o uso de um termo anglófono que também é comum.

⁶ Pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP. Vinculada ao Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos – LabHAB e com financiamento CAPES.

⁷ O artigo comunica a elaboração de uma metodologia de pesquisa a partir da coleção de imagens e uso do Street View como ferramenta mediada digitalmente utilizada no desenvolvimento da tese e neste artigo.

latinoamericana, que compõe uma seleção ainda mais extensa de exemplos. Esta anuncia a presença da autoconstrução somada à produção habitacional pública verticalizada e um processo de generalização. Composta por cinquenta e três conjuntos identificados, a pesquisa para a tese⁶ em desenvolvimento intitulada “Puxadinho: desvelando camadas autoconstruídas na produção pública de moradia”, iniciada em 2019, parte da construção de um panorama da produção habitacional latinoamericana para revelar a presença de uma camada autoconstruída em realidades socioterritoriais distintas.

Assim como na tese, a metodologia de pesquisa utilizada neste artigo está ancorada na virtualidade digital, a partir da coleção de imagens utilizando a ferramenta *Street View do Google Maps*. Procuramos demonstrar a prática da autoconstrução, que apresenta um considerável dinamismo, em realidades urbanas “*tensionadas com exemplares em contextos latino-americanos outros, como manifestações de um Sul Global capitalista periférico*” (Carvalho, 2024)⁷. Esse processo de coleta e organização das imagens mobilizadas neste artigo constitui não apenas uma etapa metodológica, mas uma operação crítica e interpretativa fundamental. A seleção dessas imagens, obtidas em diferentes contextos urbanos latino-americanos, visa construir um mosaico visual que permita a leitura das transformações espaciais promovidas pela autoconstrução no interior dos conjuntos habitacionais.

Colecionar imagens, nesse sentido, é então aproximar-se da experiência cotidiana do habitar, é captar a multiplicidade de formas, improvisos e adaptações que escapam aos registros oficiais e aos discursos normativos sobre habitação social. Trata-se de um gesto que reconhece o valor epistêmico da imagem como evidência e como linguagem, capaz de tensionar concepções cristalizadas e de revelar os processos dinâmicos e contraditórios que moldam os territórios populares. Nesse sentido, a construção desse amplo grupo de imagens fomenta análises a partir de sua representação, mas sobretudo, permite a identificação de um conjunto de variáveis (Figura 02) que tratam de caracterizar a preexistência, ao refletir sobre a materialidade e a sociabilidade nos conjuntos, e a expansão, a partir da caracterização dessa camada autoconstruída.

No que se refere aos conjuntos preexistentes, esta pesquisa considera os programas e as políticas públicas que os instituíram, suas respectivas temporalidades, as demandas sociais que motivaram sua construção,

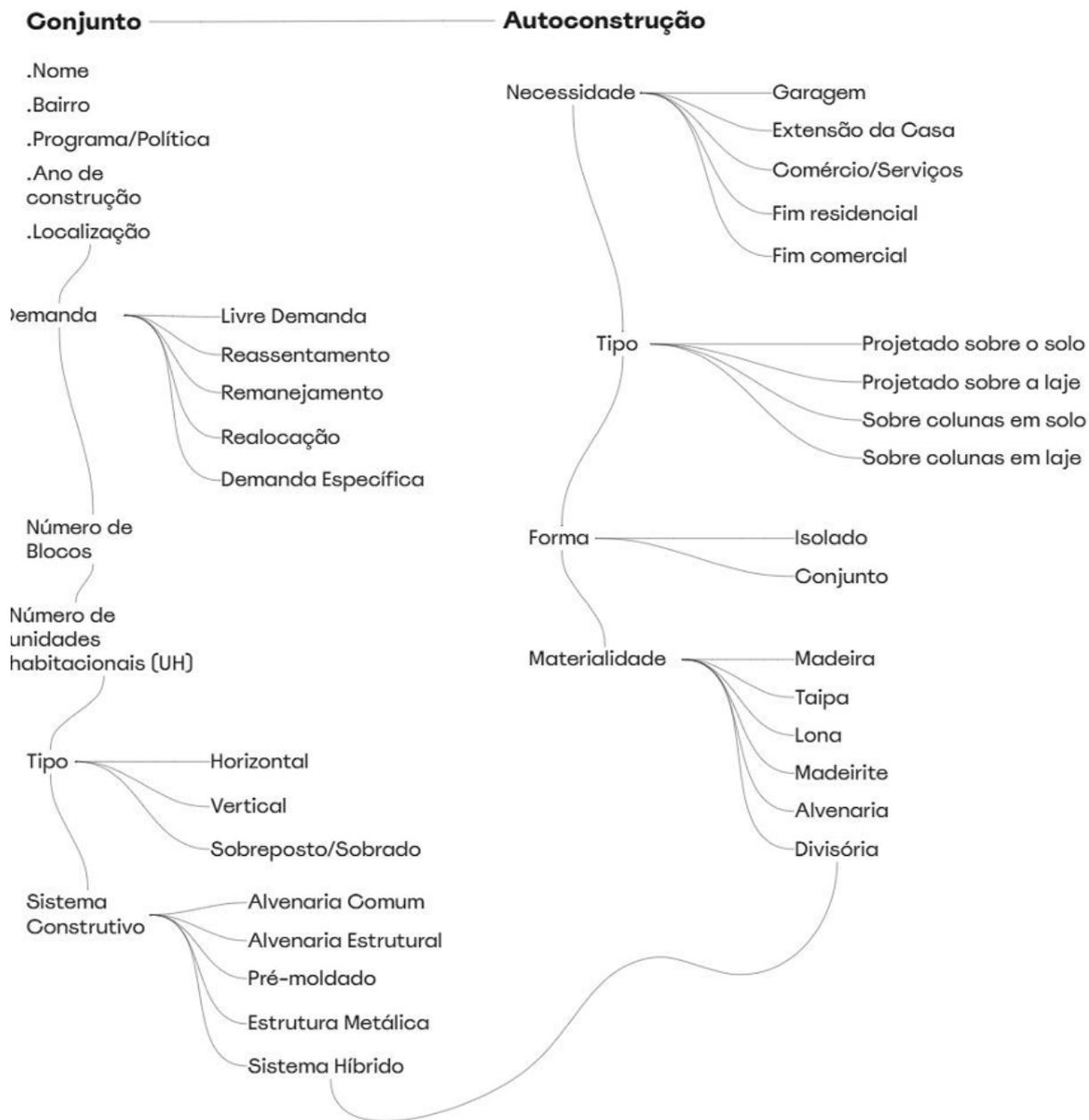


Figura 2 Fluxograma de variáveis analisadas para estudar a sobreposição de camadas construídas em conjuntos habitacionais na América Latina. Fonte: Elaborado por Carvalho (2024)

bem como os aspectos relacionados à sua materialidade. No tocante às camadas autoconstruídas, a análise se volta para sua destinação final, tipologia, conformação formal e traços materiais. A articulação dessas variáveis possibilita, mesmo em contextos socioterritoriais e políticos distintos, a construção de um eixo analítico comum entre os conjuntos habitacionais latino-americanos e as formas de apropriação autoconstruída neles identificadas.



Figura 3
Conjuntos Habitacionais em imagens aéreas. Fonte: *Google Earth* adaptado pelo autor (2024)

3. Tudo vira favela

Esses conjuntos habitacionais (Figura 03), vistos de cima, revelam paisagens morfologicamente semelhantes cidades como Bogotá, Buenos Aires, Santiago, Cidade do México, Rio de Janeiro, Lima, Belém e Montevidéu⁸. Um olhar debruçado (nas palavras de Didi-Huberman, 2015), sobre a racionalidade repetitiva da arquitetura dos conjuntos habitacionais públicos, denota ainda claramente a homogeneidade dos mesmos conjuntos que, vistos de baixo no mosaico anterior, pareciam mais singulares (como nos termos do debate sobre o único e o homogêneo na arquitetura de conjuntos conforme Oseki (1996).

⁸ Os conjuntos já foram nomeados na nota 1 e se referem à mesma sequência apresentada no mosaico inicial, leia as imagens por linha fotográfica, da esquerda para a direita, de cima para baixo.

As imagens mobilizadas neste artigo (Figura 01 e 03) combinam uma constelação de vistas aéreas com as fotografias de outros dois mosaicos apresentados neste ensaio, confrontadas a vistas de elevação e perspectivas baseadas em pesquisa de campo, com foco na paisagem resultante da favelização dos conjuntos. O panorama aéreo tem como objetivo provocar um olhar sobre a complexidade de cenas comuns nas cidades latino-americanas, que já parecem ser a norma, o padrão: a existência de mares de conjuntos habitacionais públicos com anexos autoconstruídos ao lado de territórios de favela, formando um *continuum* de moradias populares. Vistas de cima⁹, essas imagens áreas podem denotar os aspectos de sua subdivisão ou tipologias de construção; vistas de baixo, pode-se observar que a favelização gera uma condição espacial em territórios populares onde a paisagem autoconstruída transforma tudo em favela. Não parece ser suficiente reconhecer essa fórmula; é preciso entender o papel da ação estatal que atende tradicionalmente necessidades genéricas, mantendo um rebaixamento das condições de vida dos trabalhadores em nossas cidades mesmo quando provém atendimento via produção pública de unidades habitacionais. Também vale a pena investigar como superar essa tradição perversa que perpetua a escassez e deixa, a certos estratos da população, a tarefa de suprir suas próprias necessidades básicas insatisfeitas.

⁹ Como visto no mosaico do item 1 e será visto no item 4.

Ao longo do século XX, a produção de conjuntos habitacionais se estabeleceu no mundo capitalista como uma espécie de padrão, em resposta ao rápido adensamento das grandes cidades, para abrigar a classe trabalhadora e reconstruir as cidades do pós-guerra (Britto, 2017). Posteriormente, também teria como objetivo resolver uma grande demanda por moradia em países com altos índices de população em extrema pobreza, regidos pela industrialização tardia no capitalismo periférico. Classes sociais de maior renda não demorariam a se apropriar dessa forma de habitar, estabelecendo um valor de uso e de troca capaz de beneficiar financeiramente esses sujeitos por meio da valorização e da transformação de partes da cidade. Ao contrário, ao ser utilizada para atender camadas mais pobres, essa condição se tornou cada vez mais limitada, capaz de reestruturar as formas de reprodução social e material da vida, configurando-se em um modelo habitacional com limitações que vão além da menor qualidade da construção.

A provisão pública de conjuntos habitacionais tem se difundido na América Latina como resultado do aumento das estruturas administrativas estatais e dos

sistemas de financiamento para o desenvolvimento de políticas habitacionais (Royer, 2003), obviamente em contextos históricos e geográficos diferentes, mas que mantêm certa uniformidade e, por que não dizer, excessiva homogeneidade e monofuncionalidade. A forma-conjunto (nos termos de Petrella, 2009) tem sido amplamente debatida diante dos limites e fronteiras das soluções construtivas de uma arquitetura que se pretendia moderna, por meio de um discurso que defendia novos espaços para novos homens, mas que, no fundo, contém um modo de produção do espaço que busca remediar as misérias produzidas pela industrialização e urbanização, gerando espaços que mal satisfazem as necessidades mínimas de seus moradores, tampouco atendem o campo ampliado de anseios em torno de um habitar entendido de forma mais ampla. Deve-se observar que a tal miséria dos espaços produzidos por esses conjuntos habitacionais não se limita aos aspectos espaciais: as contradições, os limites e as deficiências são materiais, simbólicas, culturais, objetivas e subjetivas (Ibidem, ibidem). Em vista disso, não têm sido raras as ações públicas voltadas para a demolição de conjuntos habitacionais em guetos¹⁰ considerados problemáticos ou mesmo arriscados no mundo capitalista urbano.

¹⁰ É o caso das denúncias da escolha abusiva de demolições pelo Estado francês, como a importante obra de Preteceille (1976); do crítico americano Charles Jencks, que decretou o fim do modernismo com a demolição do complexo Pruitt-Igoe em 1973; e, no Brasil, das polêmicas, mas pouco conhecidas demolições que já começam a ser vistas em complexos estruturalmente condenados na Região Metropolitana de Recife (Santo Amore, 2020).

O que parecia pretender engendrar um poder contido nas relações de produção da indústria e da arquitetura, na racionalização da produção, na modulação, na concentração de infraestruturas, satisfazendo as necessidades massivas de moradia, no entanto, revelou-se não uma forma-total, mas uma forma reveladora de incompletude (Petrella, 2009), que, não por acaso, perpetua espaços miseráveis, não só materialmente, mas também em sua condição de urbanidade. Famílias numerosas são mal alojadas sem que os custos de moradia sejam adequadamente incluídos; novos núcleos autônomos se multiplicam sem uma política de provisão contínua, sem que o salário inclua os custos da moradia condominializada. Em arranjos de unidades limitadas para um conjunto de necessidades, anseios e desejos, a intervenção dos moradores parece quase um processo inexorável, mesmo que tomada como impertinente, em uma “favelização” operada visando adaptar soluções originais de baixa qualidade

4. Favela-conjunto como síntese

A autoconstrução é uma forma popular de provisão de moradia e, portanto, a forma e a condição em que a maioria da população do capitalismo periférico continua a estabelecer seus modos de vida e a se reproduzir material e socialmente (Santo Amore e Leitão,

2019). Nesta pesquisa, faz-se importante considerar em que circunstâncias a autoconstrução se soma às necessidades e aos desejos dos moradores, e com quais ritmos de apropriação dos espaços públicos de moradia esse processo se realiza. A presença de uma arquitetura incremental na oferta de habitação pública latino-americana, capaz de colocar em tensão a forma do conjunto em um processo de remontagem, não parece estar distante dos mesmos termos que organizam a prática da autoconstrução nos territórios das favelas e dos bairros populares - em uma busca contínua e muito dinâmica pela consolidação da moradia.

Até certo ponto, essa combinação de favela e conjunto parece ser o resultado da reprodução de um baixo nível de acesso à moradia, à terra urbanizada e a serviços urbanos nas cidades latino-americanas. Ela se dá em um universo de atendimento público de qualidade rebaixada em sua materialidade, mas também em seu simbolismo e, acima de tudo, com limitadas possibilidades de reprogramação diante das mudanças na vida dos moradores. Não se pode esperar que uma arquitetura fixa no espaço e no tempo se adapte totalmente às mudanças nos arranjos familiares, nem mesmo que compense as necessidades insatisfeitas por um Estado que negligencia muitos direitos garantidos. Mesmo assim, parece-nos que a literatura crítica sobre os conjuntos aponta para o fato de que, se fossem mais bem construídos, com melhores inserções nas cidades, com maiores conexões com o entorno, menos monótono, mais mistos, poderiam assumir outra condição adaptativa às mudanças esperadas na vida.

Não raro, as áreas onde se localizam os conjuntos habitacionais são vizinhas de territórios onde a autoconstrução parece ser a possível solução construtiva para as circunstâncias adversas e complexas estabelecidas por um capitalismo periférico que leva os indivíduos a ocupar terrenos vazios, subutilizados e prédios excedentes nas cidades, e a viver em uma condição de permanente construção e reconstrução. Nos conjuntos habitacionais populares, essa realidade apresenta contornos semelhantes, não raro configurando-se como verdadeiros depósitos de pessoas (Maricato, 2001), nos quais as famílias contempladas passam a ocupá-los com o desafio de enfrentar o isolamento, a monofuncionalidade, a impossibilidade de mudar oficialmente de domicílio, embora a moradia oferecida se configure também como uma mercadoria com valor de mercado, lastreando poupanças e heranças para famílias.

Diante dos limites desses complexos, a autoconstrução parece ser uma possibilidade de ampliar, transformar e consolidar subjetiva e materialmente essa realidade, permitindo a construção de anexos que tensionam a forma-complexo (a forma original dos conjuntos) no tempo, gerando outra forma, o complexo-favela (de camada favelizada sobre a provida publicamente), que surge como um reencontro dialético da criação individualizada com uma arquitetura baseada na repetição. Parece-nos que, assim, a favela suplanta o conjunto, e o que resta não é nem um nem outro, mas uma nova configuração, escrita aqui com palavras separadas por um hífen, para denotar que as duas formas, os dois regimes de produção do espaço, o autoconstruído e o público, passam a figurar em um par que não se separa: favela-conjunto. É que talvez, precisamente por essa razão, seja a favelização que “garanta” a adaptabilidade do conjunto habitacional original.

À paisagem urbana de favelas, *villas miseria*, *callampas*, cortiços, favelas e comunidades na América Latina, podemos acrescentar outra morfologia que reúne dois tipos de provisão de moradia popular, não apenas na materialidade, mas sobretudo por meio dela. É nos interstícios dos lotes, nas saliências das calçadas, nos espaços entre quadras, naqueles horizontais e verticalmente livres, que se realizam as ampliações. Se a autoconstrução é o regime hegemônico de produção do espaço na periferia do capitalismo, por que os conjuntos habitacionais insuficientemente produzidos não se tornariam favelas?

A pesquisa que lastreia este ensaio demonstra que os conjuntos formados por residências unifamiliares (térreas ou de dois andares) são rapidamente ampliados com anexos projetados no solo. As edificações, com diferentes números de pavimentos e diferentes *layouts*, levam à ocupação dos beirais dos lotes e das calçadas. Vale ressaltar que essas formas de ampliação, sintetizadas nas imagens a seguir com base nas situações mais recorrentes estudadas pelo doutorado que embasa este ensaio, tem o objetivo de levantar a seguinte questão: se a ocupação por autoconstrução é tão recorrente nos espaços deixados vagos em conjuntos habitacionais precários, as ampliações não seriam previsíveis?

As imagens da figura 4 resultam num esforço de apresentação das situações mais recorrentes nas relações que se estabelecem entre as construções originais e os puxadinhos na pesquisa aqui desenvolvida. Construções anexas, acopladas, conjugadas, complexificam

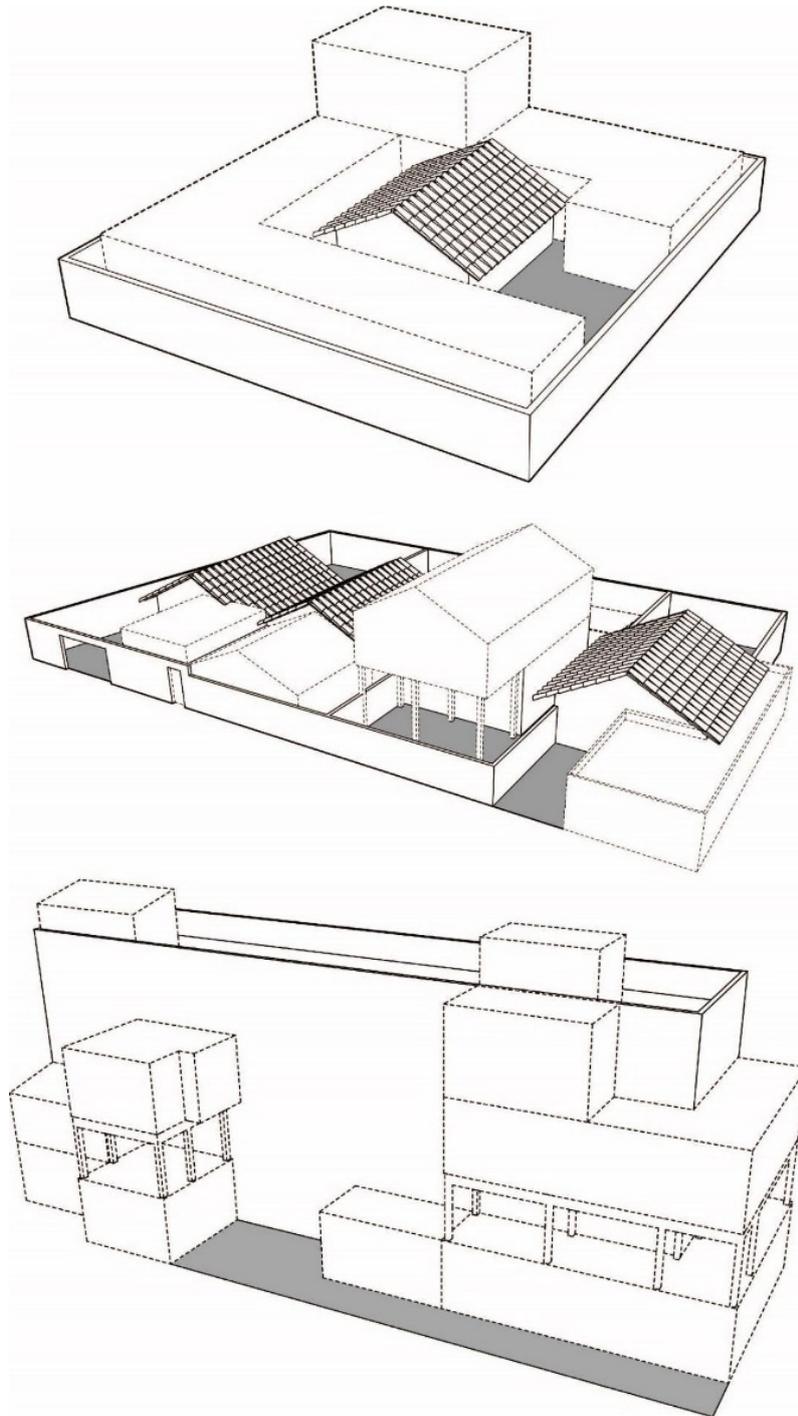


Figura 4
Unidades imobiliárias – habitação unifamiliar, solta no lote;
habitação geminada; conjunto verticalizado - e a presença de
camadas autoconstruídas. Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

o uso dos espaços originais, ao ponto dos conjuntos preexistentes ficarem quase ou totalmente “envelopados” ao olhar externo.

Essa previsibilidade (Figura 04) pode ser aludida em três questões: em primeiro lugar, a partir da identificação de uma camada de necessidade - que se ma-

terializa por meio de uma arquitetura incremental, de acréscimo, que forma, transforma e deforma a edificação inicial e a transforma em um conjunto-favela; em segundo lugar, a partir do reconhecimento de um processo de generalização da autoconstrução que permeia as condições da habitação popular no Brasil e na América Latina, reafirmando as limitações da política habitacional para as classes populares; em terceiro lugar, indagando sobre como a arquitetura e a materialidade poderiam ser mais plásticas aos processos adaptativos da vida, e, portanto, mais duráveis, mais flexíveis.

Na realidade dos conjuntos, a relação dialética entre o duradouro e o efêmero ganha certa amplitude com sua favelização. Nestes conjuntos concebidos como soluções quase permanentes, capazes de suprir um conjunto de demandas coletivas de arranjos familiares preestabelecidos, em controversas máquinas habitacionais universais, as camadas de autoconstrução parecem prejudicar a noção de estabilidade.

A complexidade desses processos parece nos convidar a entender a produção do espaço por meio de conjuntos de habitações que, ao se expandirem através da autoconstrução, tornam-se outras como forma de superar a materialidade homogênea repetitiva. O não-conjunto supera o conjunto por meio da generalização da autoconstrução e da informalidade que organiza e penetra em cada poro da vida em cidades como as do subcontinente latino. A negação do todo, a favelização, é adicionada ao objeto negado, o todo, complexificando-o, superando-o e, assim, produzindo uma terceira forma, aqui designada por um par de palavras que não estão em oposição, mas em relação. O movimento verbal aqui se relaciona com o que historicamente tem sido possível em nossas cidades, em uma cadeia que vai da afirmação à oposição e à síntese desse fenômeno, resultando na recorrência da favela-conjunto como um modo de vida, como se vê nas três imagens abaixo (Figura 05).

A autoconstrução é então compreendida, neste contexto, como um instrumento potente de adaptação espacial, social e econômica diante das limitações impostas pelas formas – totais e convencionais – de provisão habitacional e não apenas como um elemento precarizante da moradia. Mais do que uma simples resposta à escassez de recursos ou à ausência do Estado, ela expressa a capacidade dos moradores de re-interpretar, ampliar e ressignificar o espaço construído segundo suas necessidades cotidianas, dinâmicas familiares e desejos. Ao modificar a forma original dos

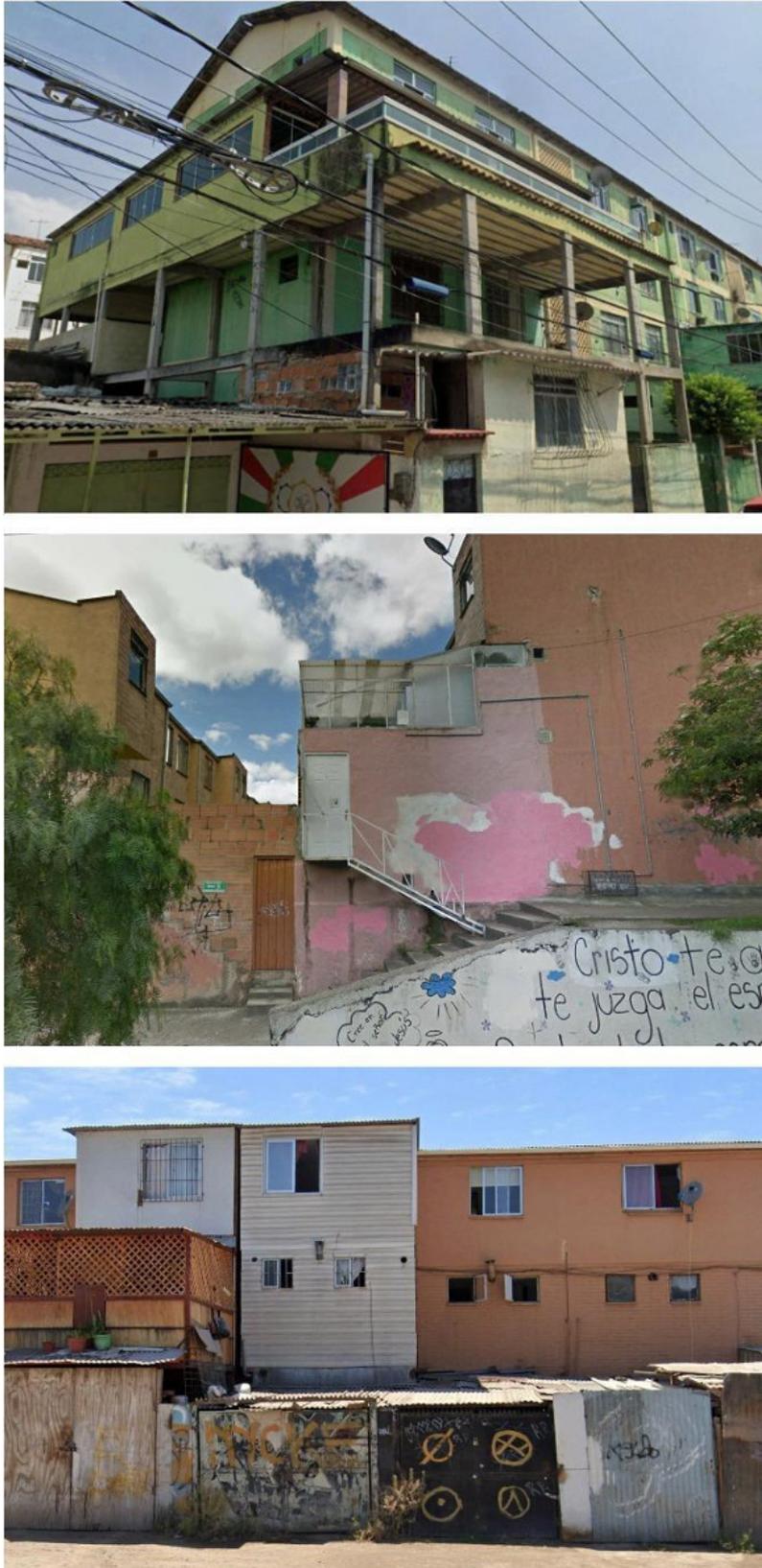


Figura 5
 IAPI Padre Miguel, Rio de Janeiro, Brasil; Conjunto de Vivien-
 das Cerros de Oriente, Bogotá, Colômbia; Conjunto de Vivien-
 das Maule I e II, Santiago, Chile. Fonte: *Google Street View* adap-
 tado pelo autor (2024).

conjuntos habitacionais, a autoconstrução não apenas responde à insuficiência programática dessas unidades, mas também produz novos arranjos morfológicos e sociais, revelando estratégias de sobrevivência, pertencimento e resistência. Nesse sentido, ela se apresenta como um processo contínuo de atualização das formas urbanas, revelador da complexidade dos modos populares de habitar a cidade.

Identificar essa forma e entender como superar seus limites parece pressupor ações políticas disruptivas que superem o isolamento dos conjuntos, as deficiências que permanecem, os fisiologismos estatais em sua provisão e até mesmo as contingências impostas pela propriedade privada da terra. Quão auspicioso seria imaginar tal desenvolvimento? Não parece pertinente optar pela demolição como forma de superar a ineficiência de tais complexos. Interessa-nos partir das potências do real, apostando em relações concretas de produção que gerem novos começos na produção da urbe latina. Não cabe aqui defender um mero voluntarismo revolucionário, mas encarar as possibilidades concretas que residem no poder do encontro desses dois regimes de produção habitacional na esfera urbana, a fim de repensar uma forma de conceber, habitar, construir e reformar esses espaços, capaz de instituir uma outra urbanidade nas veias do continente.

Bibliografia

ABRAMO, Pedro. *La producción de las ciudades latinoamericanas: mercado inmobiliario y estructura urbana*. Quito: Olacchi, 2011.

BRITTO, Flávia. *Blocos de memórias: habitação social, arquitetura moderna e patrimônio cultural*. São Paulo: Edusp, 2017.

CABRAL, Gabriel. *Autoconstrução, formas e moldes: uma mirada a suas obras e processos de produção em São Paulo, década de 2010*. São Paulo: FAUUSP, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-29072022-164928/pt-br.php>. Acesso em: 25 out. 2024.

CARRASCO, André. *A urbanização como expressão da desigualdade urbana*. São Paulo: 3º Anais do CIHEL, 2015.

CARVALHO, Pedro. Do voo do pássaro ao olhar debruçado: o virtual como método. *Revista VIRUS*, São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, n. 24, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/virus/article/view/229590>. Acesso em: 01 nov. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pensar debruçado*. Lisboa: KKYM, 2015. (Ensaio Breves - Ymago).

GONÇALVES, Rafael Soares. *Favelas do Rio de Janeiro: história e direito*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Construir, viver, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. *Vortäge und Aufsätze*. Pfullingen: G. Neske, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OSEKI, Jorge Hajime. O único e o homogêneo na produção do espaço. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PETRELLA, Guilherme. *Das fronteiras do conjunto ao conjunto das fronteiras*. São Paulo: FAUUSP, 2009.

PRÉTECEILLE, Edmond. *La région de Paris: la production de grandes décors*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

ROYER, Luciana. *Política habitacional no Estado de São Paulo: estudo sobre a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, CDHU*. São Paulo: FAUUSP, 2002.

SANTO AMORE, Caio. De Refavela a Koyaanisqatsi: duas canções para poeira, lama e CAUS. *Revista e-Metrópole*, v. 11, p. 8–17, 2020.

SANTO AMORE, Caio; LEITÃO, Karina. Favela de nome, cidade de direito. In: FERREIRA, Lara; OLIVEIRA, Paula; IACOVINI, Victor (Org.). *Dimensões da intervenção em favelas: desafios e perspectivas*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2019.